

Presença de Lixo no Tubo Digestório de Tartarugas Marinhas no Litoral do Rio Grande do Norte e Possíveis Lesões Decorrentes desta Contaminação.

SILVA, P. F., MAGALHÃES, M. S., SANTOS, A. J. B., COLUCHI., R., SILVA, N. B.,
MOURA, C. E. B.

In: 10º Simpósio de Biologia Marinha, 2007, Santos.

As principais ameaças às tartarugas marinhas são a pesca acidental, a destruição de habitat, a intervenção humana nas praias de desova e a poluição marinha tanto por derramamentos de óleo como por lixo. A origem desse material é provavelmente de rios ou das praias, ambos sendo levados para o oceano pela ação das marés. A ingestão incidental de sacos plásticos ou de outros tipos de lixo pode obstruir o trato digestório das tartarugas marinhas, provocando-lhe úlceras ou ainda inclusões intestinais, sendo a causa da sua morte. O presente trabalho objetivou avaliar a presença de lixo no tubo digestório de tartarugas marinhas no litoral do Rio Grande do Norte e possíveis lesões decorrentes desta contaminação. Durante o período de março a novembro de 2006, foram doados 11 animais (7 da espécie *Chelonia mydas* e 4 da *Lepidochelys olivacea*) encontrados mortos por técnicos do Projeto TAMAR/IBAMA ao Departamento de Morfologia da UFRN. Os animais foram necropsiados para análise do conteúdo gastrintestinal e presença de lesões nos órgãos digestórios. Verificou-se que dos animais estudados, um (14,28%) da espécie *C. mydas* e um (25,00%) da *L. olivacea* ingeriram algum tipo de material de origem antropogênica. Os materiais encontrados foram plástico maleável, um outro tipo de plástico mais rígido, papel e fragmentos de rede de pesca, em ambas as espécies. Também foram observadas ulcerações na mucosa gastrintestinal destes animais, entretanto na *C. mydas* estas lesões localizavam-se apenas no intestino grosso enquanto na *L. olivacea*, no estômago. Apesar do número pequeno de amostras pode-se observar que a taxa de ingestão de itens antrópicos é preocupante.

Palavras-chaves: Poluição, *Lepidochelys olivacea*, *Chelonia mydas*, ulcerações gastrintestinais.

Apoio: UFRN, Propesq, MCT, Projeto TAMAR/IBAMA.